

PARECER A

Artigo ID: 24262

Completo em: 2026-06-08 09:30 PM

Recomendação: Correções Obrigatórias

O manuscrito demonstra estrutura lógica bem articulada, com uma progressão argumentativa que parte da fundamentação teórica para a análise empírica de forma fluida. O ponto forte é a capacidade de transpor conceitos arquitetônicos (como os “sinais de ocupação” dos Smithson) para o campo das práticas queer. Além disso, o embasamento teórico é robusto e demonstra domínio da literatura especializada (Lefebvre, Santos, Butler), bem como visa tensionar a arquitetura normativa e legitimar a agência dos corpos dissidentes.

A fragilidade reside na necessidade de maior detalhamento sobre a operacionalização do método etnográfico no campo e no uso do conceito de visualidades urbanas sem um referencial reunido à pesquisa prévia do conceito de visualidades a exemplo dos autores indicados na chamada do dossiê (Malta, Marmanilo Pereira, Torricella et al, Reginensi e Raposo). Nesse sentido, a discussão com o objetivo do dossiê fica limitada apesar do ótimo artigo apresentado. Sugere-se acrescentar tais fontes ou outras que trabalhem diretamente com o conceito de visualidades urbanas.

Outras sugestões/questões visando-se maior qualidade para a versão final do artigo:

1. **Explicitação Metodológica:** Embora o texto defina o caminho teórico, recomendo adicionar um parágrafo mais descritivo sobre o “como” da coleta de dados. Como a “etnografia do sensível” foi registrada? (Ex.: diários de campo, registros fotográficos sistemáticos, entrevistas informais?). Isso aumenta o rigor científico e a replicabilidade da aproximação.
2. **Conexão Comparativa:** Ao citar territórios queer internacionais, o texto ganha autoridade. Recomendo estabelecer um elo mais direto: de que maneira o Arouche, especificamente, dialoga ou se diferencia dessas experiências? Isso fortaleceria a tese da “coautoria urbana”.
3. **Lacunas:** Recomendo expandir a discussão sobre o conceito de “lugar” versus “não-lugar”. Como a transitoriedade das práticas queer no Arouche desafia a noção clássica de lugar geográfico fixo?
4. **Clareza Conceitual:** O uso dos termos queer e arquitetura crítica está correto e contextualizado. Apenas assegure-se de que a conexão entre a obra de Matta-Clark e a experiência cotidiana do Arouche não pareça metafórica demais; reforce o elo prático entre a “subtração” na arquitetura e a “fissura” na norma social.
5. **Melhorar a transição na seguinte passagem:** “Nesse sentido, a visualidade urbana não se limita à imagem, mas se configura como experiência, linguagem e ação. Como propõe Henri Lefebvre (2006), o espaço urbano é socialmente produzido, sendo simultaneamente condição, meio e resultado das relações sociais que nele se inscrevem.”. No meu entender, não há correspondência entre as duas passagens. Está “quebrada”. No parágrafo seguinte (2º da introdução), é preciso adequar o noção de “visualidades legítimas” à teoria cereteuniana, autor que não trabalha com tal conceito. De Certeau postula um outro olhar, a exemplo da noção de “cidade-panorama” e “simulacro teórico” (ou seja, visual) para discutir as práticas urbanas.
6. **Uso de imagem:** A imagem (figura 1) não ajuda a compreender a visualidade queer cotidiana no largo. Sugestão: manter a atual e apresentar novas dialogando textualmente ou desmembrar a

atual no formato de pranchas com no máximo 6 imagens, aumentando a o tamanho delas. Acredito que a explicitação da imagem melhorará a correspondência metodológica da etnografia do sensível e com o conceito de visualidades.